

Na Linha de Frente

Anna Carolina da Silva dos Santos.

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”

(FREIRE, 1987, p. 29)

Nesse momento de pandemia, muitas vidas viraram de cabeça para baixo, muitos projetos foram adiados ou até mesmo cancelados. Infelizmente, o apoio governamental deixou a desejar e, mais uma vez, tivemos que dar o nosso “jeitinho brasileiro” para driblar as dificuldades. No início do ano, após as férias, iria retornar com meu estágio em uma escola municipal, porém não ocorreu dessa forma, então tive que fazer como muitos, esperar... E do mesmo jeito ocorreu com minhas aulas na faculdade.

Como as aulas presenciais foram canceladas devido ao ocorrido, me preocupei com minha renda e também me empenhei em formas de me manter por tanto tempo parada. Mas uma conhecida estava procurando uma explicadora para seu filho e perguntou se eu dava aulas particulares. Naquele momento me desesperei, pois eu NUNCA tinha dado aula, só ajudava a professora no estágio. Percebi que era uma oportunidade de me fazer educadora, mas a questão era “se eu não conseguir ajudar no desenvolvimento da criança?”.

Mesmo com muitas questões rodeando minha cabeça, uma frase de Paulo Freire confortou meu coração: “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 1997. P.26), então resolvi aceitar. No início foi tudo novo, tanto para mim quanto para o Arthur. Ele chegou com seis anos e se encontra na 1º ano do Ensino Fundamental, fase de alfabetização. E quando iria começar o processo entramos de quarentena. Com todos os cuidados de higiene e distanciamento tive que elaborar formas de ganhar a confiança dele. Percebi que nas atividades ele gostava muito de pintar e cantava enquanto fazia os trabalhos e me aproximei dele nessa área.

Com o passar do tempo, pude aprender muitas coisas com ele, principalmente a observar o seu desenvolvimento e a adaptar as atividades ao seu ritmo e, nesse processo, ele também foi amadurecendo e se acostumando com esse novo "normal". Como muitas crianças, Arthur tinha medo de errar e toda vez que eu dizia que tinha ditado, por exemplo, ele ficava triste ou quase chorava. E então, eu comecei a dizer que iríamos brincar de adivinha e ele se tranquilizava com a "brincadeira". Depois de alguns meses ele me questionou dizendo "tia, ditado é a mesma coisa que adivinha?" E eu concordei e perguntei se ele gostava de fazer, então ele me respondeu "eu gosto, é divertido".

Ao longo dos encontros, muitos outros desafios foram surgindo, mas como nossa união nesse processo nós fomos superando cada uma delas. Arthur hoje tem sete anos já lê e escreve, com algumas dificuldades, o que é normal. A cada novo mês conversamos e eu pergunto a ele em que tem mais curiosidade ou dificuldade. E, da forma dele, Arthur me conta sobre o que precisa estudar mais. Hoje com mais três alunos que entraram pelo mesmo motivo do Arthur noto meu amor e interesse nas práticas educativas..

Com tudo isso acontecendo, minhas aulas voltaram na UERJ, de forma remota, o que me trouxe um novo desafio como estudante. O mesmo processo que tive com meus alunos, estou tendo com meus professores, aprendendo a mexer na plataforma, a me comunicar, a tirar dúvidas. Até mesmo o relacionamento com minhas amigas do curso está sendo um desafio com esse distanciamento. Porém, vi como um ponto positivo esse modo de aprender que é a independência nos estudos, em pesquisar para tirar dúvidas.

Com o professor dentro de sala de aula, muitos alunos se limitam muito a somente dar atenção ao que eles falam, mesmo tendo aulas síncronas não são todas as dúvidas que são solucionadas dessa forma. O estudante (eu falo por mim) pode pesquisar em outras fontes até formar uma opinião sobre um determinado assunto e assim o conhecimento, o aprender é mais desafiador e prazeroso.

Após sete meses de quarentena, tive muitos aprendizados em conciliar as atividades como educador e estudante com aquelas da minha vida pessoal. Estamos vivendo um tempo de parar e refletir sobre como nossas ações impactam na vida do outro e a nossa própria e, dessa forma, deliberar de maneira consciente sobre si mesmo e, assim, descobrir nossa própria essência, nosso lugar no mundo. Algumas pessoas pensaram que essa quarentena seria uma placa de "Stop" e quando voltassem iriam continuar de onde pararam, mas não.

Todos nós tivemos que nos adaptar e, profissionais como médicos e professores, entre outros, tiveram e têm que enfrentar um “leão” por dia para seguir com as rotinas sem prejudicar quem “depende” desses serviços. Tivemos que nos manter na linha de frente nesse momento delicado e movidos pelo amor de educar e pelo profissionalismo. E que tudo, depois da vacina, volte ao “normal” de maneira renovada para o melhor da sociedade. Que essa experiência nos faça compreender melhor o nosso papel na sociedade que queremos!

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Sobre o autor:

Este artigo foi criado a partir da experiência pessoal da Anna Carolina da Silva dos Santos, formada no curso normal do IECD- Instituto de Educação Carmela Dutra. Atualmente cursa Pedagogia na UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro e se encontra no 3º período. Participante da bolsa de iniciação científica (IC- UERJ) cujo projeto é voltado para o Racismo Religioso. Professora particular para reforço escolar. Também exerce a função de transcritora.